

O fazer cotidiano na sala de aula

A organização do trabalho pedagógico
no ensino da língua materna

COLEÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

Andréa Tereza Brito Ferreira
Ester Calland de Sousa Rosa
(Organizadoras)

O fazer cotidiano na sala de aula
A organização do trabalho pedagógico
no ensino da língua materna

autêntica

Copyright © 2012 As organizadoras
Copyright © 2012 Autêntica Editora

CONSELHO EDITORIAL DA COLEÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA
*Ana Teberosky (Universidade de Barcelona); Anne-Marie Chartier (INRP/Paris);
Artur Gomes de Morais (UFPE); Cancionila Janzkovski Cardoso (UFMT);
Ceres Salete Ribas da Silva (UFMG); Edmir Perrotti (ECA/USP); Telma Ferraz Leal (UFPE)*

CAPA
*Alberto Bittencourt
(Sobre imagem de Selensergeri/Stockphoto)*

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Conrado Esteves

REVISÃO
Dila Bragança de Mendonça

EDITORA RESPONSÁVEL
Rejane Dias

Revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá
ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a
autorização prévia da Editora.

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários
30140-071 . Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22
www.autenticaeditora.com.br

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I
11º andar, Conj. 1101 . Cerqueira César
01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

O fazer cotidiano na sala de aula : a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna / Andréa Tereza Brito Ferreira, Ester Calland de Sousa Rosa (organizadoras) – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2012. (Coleção Língua Portuguesa na Escola, 1)

Vários autores
ISBN 978-85-65381-10-9

1. Pedagogia 2. Português - Estudo e ensino 3. Práticas de ensino 4. Sala de aula - Direção I. Ferreira, Andréa Tereza Brito. II. Rosa, Ester Calland de Sousa. III. Série

12-01931

CDD-371.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Organização do trabalho pedagógico na sala de aula :
Português : Práticas de ensino : Professores : Educação 371.3

Sumário

- 7 Apresentação
- 13 Capítulo 1
O cotidiano escolar: reflexões sobre a organização do trabalho pedagógico na sala de aula
Andrea Tereza Brito Ferreira e Eliana Borges Correia de Albuquerque
- 31 Capítulo 2
TIC e organização do trabalho pedagógico: conexões ilimitadas
Ivanda Maria Martins Silva
- 51 Capítulo 3
O livro didático de Língua Portuguesa na organização da rotina de alfabetização: modos de fazer
Marília Coutinho-Monnier
- 65 Capítulo 4
Ler e escrever no cotidiano escolar: há lugar para a biblioteca?
Ester Calland de Sousa Rosa
- 85 Capítulo 5
Atividades em grupo: que benefícios podem trazer ao processo de aprendizagem?
Telma Ferraz Leal, Severina Érika Morais da Silva Guerra e Juliana de Melo Lima

- 105 Capítulo 6
Tempo de brincar com textos rimados
e com jogos de análise fonológica:
o trabalho com a língua escrita na educação infantil
*Socorro Barros de Aquino, Valéria Suely S. Barza Bezerra e
Fernanda Guarany Mendonça Leite*
- 127 Capítulo 7
O ensino da análise linguística nas séries iniciais
*Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral, Ana Cláudia Rodrigues
Gonçalves Pessoa e Juliana de Melo Lima*
- 147 Capítulo 8
Por que trabalhar com sequências didáticas?
*Telma Ferraz Leal, Ana Carolina Perrusi Brandão
e Rielda Karyna Albuquerque*
- 175 As autoras

Apresentação

[...] um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção (Eco, 1997, p. 12).

A metáfora do bosque e as escolhas que ele impõe traduzem bem, na forma de imagem, o que acontece no cotidiano escolar quando se trata de organização do trabalho pedagógico. Muitas são as trajetórias possíveis, e cada educador está acostumado a percorrer diferentes trilhas na jornada diária em sala de aula. As direções são múltiplas, o que requer constantes escolhas. A imagem do equilibrista, que vive “por um fio”, também nos ajuda a pensar sobre os desafios da organização do trabalho pedagógico. Então, vejamos:

O equilibrista ainda era bem jovem quando descobriu que ele mesmo é que tinha de ir inventando o que acontecia com o fio.
[...] De vez em quando o equilibrista dava uma paradinha e olhava para trás: _“Puxa! Meu chão fui eu mesmo quem fiz” (ALMEIDA, 2009).

Sendo assim, por que escrever um livro sobre a organização do trabalho pedagógico e, mais especificamente, sobre formas de organizar o ensino da língua materna no cotidiano escolar? Essa não seria uma tarefa que concerne exclusivamente a quem conduz diretamente a prática docente? Entendemos que não. Continuando com a imagem evocada por Umberto Eco, um “jardim de caminhos que se bifurcam” exige escolhas que se pautem por conhecimentos prévios, pela experiência acumulada e por constatações advindas de observações sistemáticas da prática pedagógica. Ou, se preferirmos a imagem do equilibrista, mesmo sendo responsável por tracejar o caminho de seu fio, esta não precisa ser uma tarefa absolutamente solitária.

É, portanto, no campo das escolhas, orientadas pelas finalidades de ensino e apoiadas em princípios teórico-metodológicos claramente definidos que este livro se insere. Em outras palavras, nesta obra, as autoras dos capítulos defendem que, ao se planejar o ensino, são realizadas escolhas quanto à forma de organizar as turmas e a rotina da sala de aula – em trabalhos individualizados, em duplas, em pequenos grupos, ou com o grupo-classe como um todo –, sobre a distribuição do tempo numa jornada – diária, semanal ou de determinados períodos, sobre os recursos didáticos adotados, sobre os espaços escolares onde serão desenvolvidas as práticas pedagógicas. E, ao refletir sobre essas escolhas, as autoras se apoiam em resultados de pesquisas na área, em depoimentos colhidos em processos de formação continuada de professores, bem como em aportes teóricos advindos do referencial sociointeracionista para o ensino da língua materna.

Nos capítulos desta obra são abordadas questões relativas à organização do trabalho pedagógico, tendo como ênfase a perspectiva tanto do letramento quanto das intervenções voltadas à apropriação do sistema alfabético. Os capítulos abrangem apontamentos teóricos acerca das razões para se organizar o trabalho pedagógico e seus resultados na aprendizagem, bem como propõem um jeito de olhar para os diferentes modos de fazer o cotidiano escolar. Assim, são tratadas questões tais como o uso de tecnologias da informação e comunicação (TIC); as possibilidades de utilização do livro didático; a realização de atividades na biblioteca escolar; as formas de trabalhar com jogos

de palavras na educação infantil, de trabalhar em pequenos grupos ou com sequências didáticas.

No primeiro capítulo, “O fazer cotidiano da escola: a organização do trabalho pedagógico na sala de aula”, Andrea Tereza Brito Ferreira e Eliana Borges Correia de Albuquerque defendem que “os modos de fazer” próprios de uma cultura escolar orientam as práticas cotidianas. O que se torna rotina no trabalho pedagógico, e mais particularmente no ensino da língua materna, é permeado por permanências e inovações, memórias e conhecimentos, tensões e escolhas. As autoras refletem sobre o equívoco de associar planejamento e rotina a práticas tradicionais de ensino e a defesa, erroneamente atribuída ao modelo construtivista de ensino, de “improvisos constantes”. Em contraponto, propõem que “a ideia de organizar o trabalho pedagógico dentro de uma outra perspectiva poderia estar centrada no fato de pensar em um conjunto de procedimentos que intencionalmente devem ser planejados para serem executados durante um período de tempo tomando como referência as práticas sociais e culturais dos sujeitos envolvidos”. Baseando-se em pesquisas conduzidas por elas e por outros estudiosos da área, apresentam argumentos em favor de práticas sistematizadas de alfabetização. Nessa direção, propõem que a organização do trabalho pedagógico se oriente ao mesmo tempo pela leitura e pela escrita de textos variados e pela reflexão sobre o funcionamento do sistema de escrita.

No capítulo 2, intitulado “TIC e organização do trabalho pedagógico: conexões ilimitadas”, Ivanda Maria Martins Silva parte de algumas inquietações, quais sejam: de que forma as tecnologias são trabalhadas na escola? Como os professores estão incorporando as TIC na organização do trabalho pedagógico? Será que as TIC estão sendo utilizadas criticamente no espaço escolar? Afinal, qual a função das TIC na escola? Para responder a essas questões, a autora situa o leitor no debate acerca do uso das tecnologias na escola e defende que existem muitas possibilidades de conexão entre TIC e ensino da língua portuguesa. Tendo como referência relatos de experiências coletadas junto a professores, o capítulo apresenta possibilidades didáticas a partir do trabalho com dois “e-gêneros”: a elaboração de *blogs* e a realização de *webquests*. Pautando-se ainda em depoimentos de professores, a autora traz uma discussão relevante sobre o uso da TV e do vídeo na

escola, argumentando que essas são ferramentas que precisam ser apropriadas de modo crítico para que tragam uma contribuição efetiva à prática docente.

O terceiro capítulo trata de um tema muito conhecido das escolas. Com o texto “O livro didático de Língua Portuguesa na organização da rotina de alfabetização: modos de fazer”, Marília Coutinho-Monnier traz um breve histórico sobre as formas como o livro didático tem se inserido no cotidiano escolar e a centralidade que adquiriu como “modelo de estruturação do trabalho pedagógico em sala de aula”, particularmente em Língua Portuguesa. Tendo como referência as exigências apontadas com a adoção do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a autora se questiona: “será que esses novos manuais apresentam orientações teórico-metodológicas que podem auxiliar no desenvolvimento do trabalho do professor? Como os docentes estão, efetivamente, utilizando esses “novos” livros?” Para tratar dessas questões, a autora discute resultados da pesquisa que envolveu observação e entrevista com duas professoras alfabetizadoras sobre seus modos de utilizar o livro didático.

“Ler e escrever no cotidiano escolar: há lugar para a biblioteca?” é o título do capítulo 4, escrito por Ester Calland de Sousa Rosa. A autora propõe como questão central: “que mediações precisam ser efetivadas para que os livros e a biblioteca, tão desejados, se transformem, de fato, em ferramentas que possam ser apropriadas pelo conjunto da comunidade escolar e para que sejam indicadores de uma escola que assegura a todos o direito de aprender?”. O capítulo trata inicialmente do papel da biblioteca escolar no contexto educacional brasileiro e segue defendendo que este é um espaço privilegiado para a “educação literária” e para a “educação para a informação”. Usando como referência uma pesquisa realizada por ela mesma, a autora apresenta exemplos de situações didáticas que envolvem a biblioteca escolar em atividades permanentes de educação literária, em projetos didáticos, em excursões pedagógicas e eventos temáticos, na participação em concursos e redes virtuais e no apoio à pesquisa escolar.

Telma Ferraz Leal, Severina Érika Morais da Silva Guerra e Juliana de Melo Lima são as autoras do capítulo 5, “Atividades em grupo: que benefícios podem trazer ao processo de aprendizagem?”

Inicialmente abordam o papel da interação na aprendizagem e em seguida discutem “a importância do trabalho em grupo em atividades voltadas para a aprendizagem do sistema alfabético de escrita”, tendo como referência um trabalho realizado em parceria com um grupo de professores em formação continuada. Com base em pesquisas realizadas pelas autoras, o capítulo aborda ainda a análise de situações de produção coletiva de textos. Além disso, apresenta depoimentos de crianças que avaliam situações de aprendizagem em grupo.

O capítulo 6, “Tempo de brincar com textos rimados e com jogos de análise fonológica: o trabalho com a língua escrita na educação infantil”, foi escrito por Socorro Barros de Aquino, Valéria Suely S. Barza Bezerra e Fernanda Guarany Mendonça Leite. As autoras defendem que os eixos tanto do letramento quanto da alfabetização devem estar presentes no cotidiano da Educação Infantil e que o trabalho com textos rimados e o uso de jogos de análise fonológica podem contribuir nessa direção. Tendo como referência pesquisas realizadas por elas, enfatizam que é preciso organizar uma rotina que contribua para o desenvolvimento da consciência fonológica e que é preciso planejar atividades sistemáticas que contribuam para essa aprendizagem.

Os capítulos 7 e 8 exploram o trabalho com sequências didáticas. No capítulo 7, “O ensino da análise linguística nas séries iniciais”, Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa e Juliana de Melo Lima argumentam que a organização de atividades sequenciais favorece o ensino da análise linguística e, mais especificamente, a aprendizagem do sistema notacional e da norma ortográfica nos anos iniciais do ensino fundamental. O texto apresenta protocolos de sequências didáticas observadas pelas autoras em contextos de sala de aula e evidencia várias formas de conduzir práticas pedagógicas com ênfase na análise linguística, numa perspectiva interacionista.

O capítulo 8, “Por que trabalhar com sequências didáticas?”, escrito por Telma Ferraz Leal, Ana Carolina Perrusi Brandão e Rielda Karyna Albuquerque, retoma a proposição do trabalho com sequências didáticas numa perspectiva sociointeracionista. As autoras discutem os princípios subjacentes a essa concepção de ensino, articulando tais princípios à organização de sequências didáticas centradas no trabalho com gêneros discursivos.

Apresentados os capítulos, voltemos à metáfora silvestre e aos desafios da vida do equilibrista. Eco nos lembra que “no bosque da narrativa o leitor precisa fazer escolhas razoáveis” e que, para proceder a tais escolhas, volta-se para suas próprias experiências de vida e seu conhecimento de outras histórias. Por sua vez, na narrativa criada por Fernanda Lopes de Almeida, o equilibrista encontra em seu caminho outros que ora aprovam, ora contestam suas decisões. Fazendo um paralelo com a organização do trabalho pedagógico concernente ao ensino da língua materna, entendemos que a experiência docente, associada ao conhecimento compartilhado por outros educadores e informada por resultados de pesquisas na área, pode se constituir escolhas razoáveis, que qualifiquem as práticas cotidianas. Foi nessa direção que as autoras desta obra elaboraram seus textos, e é nesse sentido que propomos sua leitura para professores e pesquisadores da educação que se dispõem a refletir sobre suas escolhas.

As organizadoras

Referências

ALMEIDA, F. L. *O equilibrista*. São Paulo: Ática, 2009.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 12.